

Podem as humanidades digitais produzir teoria?

Can digital humanities generate theory?

<https://doi.org/10.26512/rhh.v12i24.55093>

Luis Ferla

Universidade Federal de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0003-3617-2560>
ferla@unifesp.br

Resumo

O texto trata de uma alegada debilidade teórica da produção em humanidades digitais, supostamente muito mais vocacionadas a desenvolver metodologias e ferramentas do que a responder perguntas epistemológicas mais fundamentais. Partindo das reflexões de Enrica Salvatori, é recuperado parte do debate sobre o problema e de seu percurso histórico. É contraposta a algumas perspectivas referenciais a hipótese de que a interdisciplinaridade característica das humanidades digitais poderia contribuir para as suas dificuldades em produzir teoria e questionar paradigmas estabelecidos. Antes que dar suporte a uma posição cética ou cínica, o argumento aposta no potencial da ciência aberta e da pesquisa colaborativa para a superação do problema.

Palavras-chave

Humanidades digitais, história digital, ciência aberta

Abstract

The text deals with an alleged theoretical weakness in production in digital humanities, supposedly much more focused on developing methodologies and tools than on answering more fundamental epistemological questions. Starting from Enrica Salvatori's reflections, part of the debate on the problem and its historical trajectory is recovered. Contrasted with some referential perspectives is the hypothesis that the interdisciplinarity characteristic of digital humanities could contribute to their difficulties in producing theory and questioning established paradigms. Rather than supporting a skeptical or cynical position, the argument relies on the potential of open science and collaborative research to overcome the problem.

Keywords

Digital humanities, Digital history, open science

Ao abordar o texto de Giovanni Carosotti “La Digital History: tra superamento della figura dello ‘storico’ e ripensamento della didattica della storia”¹, Enrica Salvatori nos traz alguns temas centrais para a discussão acerca da definição das humanidades digitais, das condições do seu exercício e de suas perspectivas para o futuro. A primeira questão abordada pela autora diz respeito ao que ela denominou “medo do princípio reducionista”. Ou, em outras palavras, o receio de que as humanidades digitais estariam a privilegiar “a técnica em detrimento do conteúdo”. O tema em si não é novo, e vem pressionando o debate acerca da identidade das humanidades digitais já há algum tempo. Cameron Blevins, por exemplo, partiu exatamente dessa percepção para buscar as causas do fenômeno e mesmo propor algumas prescrições para sua superação (Blevins, 2016). Para o autor, as humanidades digitais praticam uma eterna promessa de revolucionar a produção de conhecimento, sem nunca realizá-la. A explicação para tal residiria, em um primeiro momento, em uma rejeição ao quantitativismo associado aos primeiros tempos da presença do computador no ambiente acadêmico das humanidades. Um artigo, em especial, publicado inicialmente em 1974, parecia realizar emblematicamente todos esses perigos: *Time on the Cross: The Economics of American Negro Slavery*.² Os autores se apoiam em análises estatísticas para chegar à conclusão de que a escravidão nos Estados Unidos do século XIX teria sido mais lucrativa e mais benigna do que se imaginava antes.³ Como nesse caso algo extremo, a manipulação de dados e quantidades por computadores poderia subsidiar conclusões espúrias e, ainda pior, ilegitimamente revestidas de autoridade tecnocientífica. O chamado giro linguístico e cultural das décadas de 1980 e 1990, que sucedeu à febre cliométrica, forneceu o novo contexto paradigmático para o trabalho dos humanistas digitais, em distância segura de seus predecessores quantitativistas.⁴ Mas, ainda seguindo o mesmo autor, seria o *momentum* da história pública, a partir dos anos 1990, que influenciaria decisivamente a história digital. Esta passou a emprestar

1 Carosotti, Giovanni. “La Digital History: tra superamento della figura dello ‘storico’ e ripensamento della didattica della storia”. *L’identità di Clio* (blog). Dicembre, 2023. <https://www.lidentitadiclio.com/la-digital-history-tra-superamento-della-figura-dello-storico-e-ripensamento-della-didattica-della-storia/>

2 Fogel, Robert William, and Stanley L. Engerman. *Time on the Cross: The Economics of American Negro Slavery*. New York: Norton, 1995.

3 Blevins, Cameron. “Digital History’s Perpetual Future Tense.” In *Debates in the Digital Humanities 2016*, edited by Matthew K. Gold and Lauren F. Klein. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

4 Blevins, Cameron. “Digital History’s Perpetual Future Tense.” In *Debates in the Digital Humanities 2016*, edited by Matthew K. Gold and Lauren F. Klein. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

daquela a valorização do alcance de públicos não acadêmicos, do acesso a amplas audiências, do suporte educacional em todos os níveis. E o caminho inverso também faz todo o sentido, as plataformas e tecnologias desenvolvidas pela história digital permitiram e permitem a realização de muitos dos objetivos da história pública. No entanto, tal simbiose teria acabado por secundarizar a reflexão, a teorização e a interpretação, em favorecimento do didatismo, do design amigável e da “experiência do usuário”.

Por sua vez, Anne Burdick et al⁵ questionam a redução das humanidades digitais à produção de “deliverables”, o que pode ser associado justamente à simbiose com a história digital, e apontam os perigos associados aos métodos de valoração do trabalho de pesquisa resumidos a métricas produtivistas: “Neste ambiente de investigação em rápida mudança, é necessário reconhecer as novas formas que a produção de conhecimento está a assumir (...). Os modelos mais antigos de recursos humanos ‘baseados em serviços’, concebidos em contraste com os acadêmicos enquanto autores, estão a ser desafiados e com razão. A política cultural das instituições acadêmicas está, de fato, a mudar, mas devemos estar atentos às consequências inadvertidas. Projetos que dependem de resultados como única medida de sucesso provavelmente estarão em desacordo com uma missão de pesquisa que apoie a inovação e o trabalho imaginativo e que assuma riscos”.⁶

Mas nem tudo é crítica ou lamento quando se avalia a ausência de teorização nas humanidades digitais. Com ênfase na história em particular, e quatro anos antes do artigo de Blevins, Tom Scheinfeldt reconhecia essa mesma desvalorização da teoria, mas então com uma perspectiva entre neutra e entusiasmada: “A minha dificuldade em responder à pergunta: ‘Qual é a grande ideia da história neste momento?’ decorre do fato de, como historiador digital, navegar muito menos em novas teorias do que em novos métodos. A nova tecnologia da Internet distanciou o trabalho de um número cada vez maior

5 Burdick, Anne, Johanna Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner, and Jeffrey Schnapp. *Digital Humanities*. Cambridge, London: The MIT Press, 2012.

6 Burdick et al, 2012, *Digital Humanities* Op cit. p. 16. Tradução livre do original: “In this rapidly changing research environment, it is necessary to acknowledge the new shapes that knowledge production is assuming (...). Older ‘service-based’ models of staff conceived in contrast to scholars qua auteurs are being challenged and rightly so. The cultural politics of academic institutions are shifting, indeed, but we must be attentive to inadvertent consequences. Projects that are dependent on deliverables as their only measure of success are likely to be at odds with a research mission that supports innovation and imaginative, risk-taking work”.

de estudiosos de pensar grandes pensamentos, para forjar novas ferramentas, métodos, materiais, técnicas e modos de trabalho (...).⁷

Em outro texto no mesmo ano, Scheinfeldt explora ainda mais os argumentos contra as cobranças em sua perspectiva excessivas pela produção de conhecimento pelas humanidades digitais. Apoiando-se na história da ciência e da tecnologia, o autor reivindica a normalidade de um descompasso entre o desenvolvimento de novos instrumentos e a capacidade de utilizá-los para responder perguntas: “Tal como os filósofos naturais do século XVIII confrontados com um dilúvio de novas ferramentas estranhas como microscópios, bombas de ar e máquinas elétricas, talvez precisemos de tempo para articular o nosso aparato digital, para produzir novos fenômenos que não podemos antecipar nem explicar imediatamente”.⁸ O autor, assim, estrutura a história das humanidades digitais em etapas sucessivas, em que o florescimento da teoria só teria lugar após o “maravilhamento com os novos instrumentos”, a exemplo do que teria acontecido com as próprias ciências físicas.

Desse debate todo, o que parece transparecer com maior nitidez é um consenso acerca da anemia teórica das humanidades digitais. Ou, melhor dito, não exatamente da precariedade da produção teórica acerca das humanidades digitais propriamente ditas, enquanto tais, mas dos estudos acadêmicos a quem supostamente estariam a serviço. Seja procurando normalizar a aparente contradição, como o faz Tom Scheinfeldt, seja desde uma posição menos condescendente, como o faz Cameron Blevins, ninguém parece identificar nas humanidades digitais, em geral, ou na história digital, em particular, um ecossistema que possua uma folha corrida disruptiva no que se refere ao questionamento de paradigmas e à reconfiguração da produção do conhecimento.

7 Scheinfeldt, Tom. "Sunset for Ideology, Sunrise for Methodology?" In *Debates in the Digital Humanities*, edited by Matthew K. Gold. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011. Tradução livre do original: "My difficulty in answering the question, 'What's the big idea in history right now?' stems from the fact that, as a digital historian, I traffic much less in new theories than in new methods. The new technology of the Internet has shifted the work of a rapidly growing number of scholars away from thinking big thoughts to forging new tools, methods, materials, techniques, and modes of work (...)".

8 Scheinfeldt, Tom. "Where's the Beef? Does Digital Humanities Have to Answer Questions?" In *Debates in the Digital Humanities*, edited by Matthew K. Gold. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011a. Tradução livre do original: "Like eighteenth-century natural philosophers confronted with a deluge of strange new tools like microscopes, air pumps, and electrical machines, maybe we need time to articulate our digital apparatus, to produce new phenomena that we can neither anticipate nor explain immediately".

Identificado tal consenso, um outro se impõe: acerca da existência de nenhum consenso quanto ao diagnóstico do problema e, conseqüentemente, à sua prognose. Os autores já citados fazem seus exercícios nessas direções, com perspectivas diferentes, como vimos. Mas há possíveis explicações que não têm recebido muita atenção dos analistas. Por exemplo, a interdisciplinaridade que caracteriza as humanidades digitais, praticamente como uma dimensão identitária. A questão proposta é: a interdisciplinaridade dificultaria a produção de novos conhecimentos nas disciplinas envolvidas? Aqui podemos voltar ao texto de Salvatori. A autora faz uma defesa brilhante e cristalina do caráter intrinsecamente coletivo (e social, portanto) de toda e qualquer produção do conhecimento. Só há que concordar plenamente com suas teses, particularmente quando ela se engaja no debate que questiona a legitimidade de pesquisas e seus resultados levadas a cabo por equipes e não por indivíduos isolados. O trabalho em grupo e as autorias coletivas não são apenas cada vez mais comuns, acompanhando a ascensão das humanidades digitais, mas não representam nenhuma perda a priori na qualidade dos resultados, desde que devidamente “metadados”. A autoria individual traduz pesquisas e interpretações que são também coletivas, o que confere nenhum caráter de ruptura fundamental à autoria coletiva. Salvatori ressalta, corretamente, que nas humanidades tal propriedade se faz ainda mais patente a partir do momento que se tornam digitais. A responsável por isso é a tecnologia. Ao se imiscuir na pesquisa em humanas, os computadores estabelecem novas configurações do trabalho de pesquisa e das autorias relacionadas. Nesse sentido, se aproximam do que já se dá em outras áreas mais técnicas: “Isso, afinal, vem acontecendo há anos em várias outras disciplinas, onde o indivíduo não tem chance de realizar a pesquisa sozinho, justamente porque são necessários instrumentos, habilidades e procedimentos diversificados”.⁹ Nessa frase, está implícita a interdisciplinaridade, pois o historiador passa a conviver com profissionais de outras áreas, como analistas de sistemas, programadores e projetistas de webdesign.

Portanto, as humanidades digitais tendem a ser coletivas e interdisciplinares, e uma característica reforça a outra. Voltando ao problema posto acima, é um tanto perturbador reconhecer que a interdisciplinaridade nas humanidades digitais poderia dificultar a mudança do centro de gravidade da técnica e da metodologia para a interpretação e a produção teórica. Formulada dessa forma, a questão é contra intuitiva. O que se aceita normalmente é jus-

⁹ Salvatori, 2024, neste mesmo número de história, histórias.

tamente o contrário. E faz sentido que seja assim, pois o concerto entre disciplinas diferentes pode produzir sinergias dialéticas até então insuspeitas, oxigenando as doxas no sentido das heterodoxias. Mas no contexto mais específico das humanidades digitais, na conjuntura de transição em que se situa, nem sempre é fácil atingir esse nirvana epistemológico. Os projetos que envolvem disciplinas diferentes não facilitam a produção de teoria em cada uma delas. Podem fazê-lo no que possuem em comum, justamente as sinergias possibilitadas pelas humanidades digitais. Ou seja, projetos de humanidades digitais podem levantar questões mais teóricas e mesmo epistemológicas no que se refere... às humanidades digitais. Esse texto, em conjunto com aqueles com que pretende dialogar, são um exemplo de esforço nessa direção. Engenheiros, programadores, geógrafos, designers e historiadores envolvidos em projetos de humanidades digitais podem exercitar seu senso crítico e formular reflexões e questionamentos acerca de artigos como esse. Mas dificilmente isso traria suporte a questionamentos mais fundamentais e paradigmáticos em suas próprias disciplinas. Por outro lado, um historiador digital, dedicado a um projeto de criação de infraestruturas computacionais destinadas ao conhecimento histórico, raramente terá tempo e condições de fazer uso dessas mesmas infraestruturas para influenciar esse mesmo conhecimento histórico. Cameron Blevins finaliza o texto já citado recomendando que “se gaste menos tempo falando sobre o potencial da história digital em gerar novos argumentos sobre o passado e mais tempo realmente fazendo isso”.¹⁰

A questão pode ser, então, resumida à necessidade de uma nova priorização do uso do tempo? Aqui talvez a discussão tenha matizes diferenciados em termos sociogeográficos. As humanidades digitais não são as mesmas nos chamados Norte e Sul globais. Laboratórios bem estruturados, suporte administrativo adequado e equipes multidisciplinares qualificadas e disponíveis são mais comuns ao norte que ao sul. Por aqui, esse quadro tende a sobrecarregar o pesquisador de humanidades com tarefas que vão muito além de sua formação e de suas habilidades. Preencher planilhas de prestação de contas tira o tempo para produzir novas teorias. Por outro lado, é verdade que o sul global está em condições únicas para enriquecer o debate acerca das humanidades digitais e suas infraestruturas. Por exemplo, o tema da

10 Blevins, Cameron. "Digital History's Perpetual Future Tense." In *Debates in the Digital Humanities* 2016, edited by Matthew K. Gold and Lauren F. Klein. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016. Tradução livre do original: "It is time to spend less time talking about digital history's potential to generate new arguments about the past and more time actually making them".

computação mínima encontra aqui os seus laboratórios preferenciais.¹¹ Na definição de um grupo de trabalho dedicado ao tema: “Usamos ‘computação mínima’ para nos referirmos à computação realizada sob algum conjunto de restrições significativas de hardware, software, educação, capacidade de rede, energia ou outros fatores”.¹² Mas produzir reflexões e conhecimentos em computação mínima não impacta exatamente as disciplinas participantes dos projetos, a história dentre elas, mas as humanidades digitais propriamente ditas, o que nos leva de volta à exceção admitida mais acima.

A essa altura de nosso percurso argumentativo, nos aproximamos perigosamente de um fatalismo não desejado. O objetivo aqui não é desvalorizar a interdisciplinaridade e, conseqüentemente, as humanidades digitais. Atribuir à interdisciplinaridade em projetos de humanidades digitais a dificuldade em produzir teoria não implica negar sua incontornável importância. Fosse assim, estaríamos a negar as humanidades digitais e a advogar uma volta impossível ao passado exclusivamente analógico. Dessa forma, para tentar participar do debate de maneira mais conseqüente, é recomendável ir além do diagnóstico e propor soluções. Desde logo, a partir do desequilíbrio da geopolítica acadêmica colocado acima, não há como negar que uma maior valorização do financiamento da educação, da ciência e da tecnologia nos países menos desenvolvidos traria impactos diretos na questão aqui abordada. Mas isso extrapola as possibilidades dos pesquisadores envolvidos, para além da disposição ativa em colaborar nas pressões políticas necessárias. Uma alternativa mais mundana está no texto de Salvatori: a “oficina renascentista”. Ainda que tratando mais da didática do que da pesquisa, a autora acredita que um ambiente que estimule o trabalho intelectual associado à “destreza manual”, considerada aqui “destreza digital”, pode ser mais profícuo para a produção e a reprodução do conhecimento. A ideia de “aprender fazendo” que sintetiza o conceito da oficina renascentista é bastante sedutor, na medida em que procura manter juntos e produtivos os dois polos teimosamente antagônicos das humanidades digitais, a técnica e a teoria.

Outra possibilidade talvez esteja na “fuga para a frente”, na exploração da própria natureza das humanidades digitais. Ou, melhor dito, em uma das

11 Em 2022, a revista *Digital Humanities Quarterly* publicou um dossiê dedicado à computação mínima, editado por Roopika Risam and Alex Gil (*Digital Humanities Quarterly*, 16.2, 2022, <http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/16/2/index.html>).

12 Minimal Computing Working Group. "About." *Minimal Computing: A Working Group of GO::DH*. 2022 <https://go-dh.github.io/mincomp/about/>. Tradução livre do original: “We use ‘minimal computing’ to refer to computing done under some set of significant constraints of hardware, software, education, network capacity, power, or other factors”.

suas principais vocações, nem sempre reconhecida em todas as suas potencialidades: a ciência aberta. Ao defender uma maior participação de comunidades extra-acadêmicas em projetos de pesquisas, o movimento de ciência aberta busca uma produção do conhecimento mais democrática e socialmente consequente.¹³ Várias das novas tecnologias podem ser utilizadas para facilitar esse objetivo, suportadas pela chamada web 2.0 e pelas infraestruturas computacionais abertas e colaborativas. O argumento aqui não se restringe apenas ao arejamento do mundo acadêmico com as sempre bem-vindas perspectivas extramuros, supostamente capazes de influenciar a postulação de “novas perguntas e novas respostas”. A hipótese é a de que a colaboração aberta pode provocar mais facilmente surpresas e resultados inesperados, de resto infrequentes no ambiente da ciência fechada: “A intermediação de máquinas no fluxo de trabalho do pesquisador não produz ‘nova matéria’, apenas reorganiza aquela já alimentada ao sistema. Em outras palavras, o historiador reúne a documentação histórica de sua pesquisa e pode submetê-la a níveis variados de manipulação computacional, produzindo assim gráficos cumulativos, análises estatísticas, visualizações vetoriais, bancos de dados relacionais, ou qualquer outra forma de reorganização dos dados alimentados. Se é verdade que esses processos podem trazer novos insights e propor alguns deslocamentos interpretativos, rara e dificilmente serão capazes de revolucionar o conhecimento da área”.¹⁴ É a colaboração aberta que pode desestabilizar essas expectativas, ao integrar em um mesmo ambiente computacional pesquisas díspares e originárias de investigadores e grupos deslocados entre si, abrindo caminho para articulações novas e inesperadas. Estariam, portanto, na perda de controle do processo da pesquisa as possibilidades mais promissoras para a produção de novos conhecimentos.

13 Sobre ciência aberta, ver Albagli, Sarita, Lucia M. Maciel, and Hamud A. Abdo, eds. *Ciência Aberta, Questões Abertas*. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1060/1/Ciencia%20aberta_questoes%20abertas_PORTUGUES_DIGITAL%20%285%29.pdf.

14 Ferla, Luis et al. "Clio's (mis)adventures With Hermes, Hestia, and Hephaestus." *Historiografias*, December, 6-26, 2023. https://doi.org/10.26754/ojs_historiografias/hrht.10035. Tradução livre do original: “The integration of machines into the researcher’s workflow does not produce ‘new material’. Rather, it reorganizes the data being fed into the system. In other words, the historian gathers the historical documentation of her research and can submit it to varying levels of computational manipulation, thus producing cumulative graphs, statistical analyses, vector visualizations, relational databases, or any other form of data reorganization. If it is true that these processes can bring new insights and interpretative shifts, our experience suggests that they are rarely revolutionary”.

Esta é, ao menos, a aposta do projeto que coordeno, o Pauliceia 2.0 – Mapeamento colaborativo da história de São Paulo.¹⁵ O projeto é dedicado ao desenvolvimento de uma plataforma na internet em que pesquisadores da história de São Paulo podem alimentar os seus próprios dados espacializáveis. Como os pesquisadores do projeto deixaram claro em outro lugar, “nossa abordagem é um exemplo da perda de controle sobre a pesquisa à medida que a informação produzida em nossa plataforma é apropriada, mobilizada e ressignificada por outros atores fora de nossa órbita. Este processo estabelece as bases para o surgimento de novas análises ainda inimagináveis e permite uma divisão de trabalho entre os desenvolvedores de infraestruturas cibernéticas e os intérpretes e analistas do conteúdo”.¹⁶

Se a aposta será bem-sucedida ainda é cedo para saber. A plataforma ainda está em sua versão beta, submetida cotidianamente a testes e aprimoramentos. A esperança é que os artigos vindouros da equipe do projeto falem menos de “desafios e oportunidades”, e mais em “ressignificações, novidades e provocações”.¹⁷

Referências

Albagli, Sarita, Lucia M. Maciel, and Hannud A. Abdo, eds. *Ciência Aberta, Questões Abertas*. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1060/1/Ciencia%20aberta_questoes%20abertas_PORTUGUES_DIGITAL%20%285%29.pdf.

Blevins, Cameron. "Digital History's Perpetual Future Tense." In *Debates in the Digital Humanities 2016*, edited by Matthew K. Gold and Lauren F. Klein. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

15 Sobre o projeto, ver Ferla, Luis et al. "Pauliceia 2.0: mapeamento colaborativo da história de São Paulo, 1870-1940." *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 27: 1207-1223, 2020. <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LsTg5nrNLZXdd8mfdGSNr7C/?format=pdf&lang=pt>, e a própria plataforma dele resultante em www.pauliceia.unifesp.br.

16 Ferla, Luis et al. "Clio's (mis)adventures... Op Cit.. Tradução livre do original: "Our approach is an example of the loss of control over research as the information produced on our platform becomes appropriated, mobilized, and reframed by other actors out of our orbit. This process lays the groundwork for the emergence of new analyses as yet unimagined and allows a division of labor between the developers of cyber infrastructures and the interpreters and analysts of the content".

17 As investigações que subsidiam esse artigo têm financiamento FAPESP (processos 2016/04846-0 e 2020/03700-7) e CNPq (processo 406178/2023-2).

Burdick, Anne, Johanna Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner, and Jeffrey Schnapp. *Digital Humanities*. Cambridge, London: The MIT Press, 2012.

Carosotti, Giovanni. "La Digital History: tra superamento della figura dello 'storico' e ripensamento della didattica della storia". *L'identità di Clio* (blog). Dicembre 2023. <https://www.lidentitadiclio.com/la-digital-history-tra-superamento-della-figura-dello-storico-e-ripensamento-della-didattica-della-storia/>.

Ferla, Luis et al. "Pauliceia 2.0: mapeamento colaborativo da história de São Paulo, 1870-1940." *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 27: 1207-1223, 2020. <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LsTg5nrNLZXdd8mfdGSNr7C/?format=pdf&lang=pt>.

Ferla, Luis et al. "Clio's (mis)adventures With Hermes, Hestia, and Hephaestus." *Historiografias*, December, 6-26, 2023. https://doi.org/10.26754/ojs_historiografias/hrht.10035.

Fogel, Robert William, and Stanley L. Engerman. *Time on the Cross: The Economics of American Negro Slavery*. New York: Norton, 1995.

Minimal Computing Working Group. "About." *Minimal Computing: A Working Group of GO::DH*, 2022. <https://go-dh.github.io/min-comp/about/>.

Scheinfeldt, Tom. "Sunset for Ideology, Sunrise for Methodology?" In *Debates in the Digital Humanities*, edited by Matthew K. Gold. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

Scheinfeldt, Tom. "Where's the Beef? Does Digital Humanities Have to Answer Questions?" In *Debates in the Digital Humanities*, edited by Matthew K. Gold. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011a.

Recebido em 01 de agosto de 2024
Aprovado em 06 de agosto de 2024

Autor convidado

